

Aos 30, Brasília é cantada pelos poetas

IRLAM ROCHA LIMA

Brasília Ano 30 — Uma Antologia Musical. — Não é mais um brinde para distribuir entre amigos, uma bugiganga para lembrar uma data e muito menos uma "festinha" entre músicos e compositores que se juntaram para dar uma cantada na cidade que virou capital no meio de um cerrado há 30 anos.

Brasília Ano 30, dois elepês reunindo o trabalho de compositores que tiveram a cidade como musa, reúne gente que abordou a cidade por quase todos os gêneros — da sinfonia ao samba, de temas instrumentais a canções e hinos assinados por nomes consagrados como Cláudio Santoro, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Alceu Valença, Caetano Veloso, Toninho Horta, Fernando Brant, Oswaldo Montenegro; artistas populares da cidade como Renato Mattos, Cid Magalhães, Carlos Elias e também novos valores, entre eles, Pierre Aderne, Júlio Fernandes, Luís Marcelo e Homero Rodrigues.

Os dois elepês trazem 29 músicas, algumas muito conhecidas, outras inéditas ou então pouco divulgadas que foram selecionadas entre 73 inscritas através de edital sob o título "Dê Ouvidos a Brasília", publicado nos jornais em maio e junho do ano passado. Editado pela Plural, o álbum foi produzido sem um centavo do dinheiro do governo e sobreviveu inclusive aos efeitos do pacote Collor, graças à participação de Reinaldo de Araújo Lima, José Oliveira, Artplan Publicidade, MPM Propaganda, Teletape Comunicação Ltda, Sagres Cinema, Televisão e Vídeo e Gráfica Brasileira. O único "estrago" do Plano Collor foi a suspensão das negociações para que a Fundação Banco do Brasil adquirisse dez mil cópias de **Brasília Ano 30**.

Segundo o coordenador geral do projeto, Reinaldo de Araújo

Lima, o álbum, ao reunir músicas compostas ao longo das três últimas décadas, "remete o ouvinte à fundação da cidade, quando o silêncio foi quebrado pelo barulho dos homens e das máquinas e à atualidade de uma Brasília moderna, cosmopolita". Para ele, os discos oferecem "30 anos de histórias de amor e desamor, vitórias e derrotas, poesias ternas e mordazes".

Contando com a participação dos mais destacados intérpretes e músicos radicados na cidade (inclusive os que integram a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional), os discos foram gravados no último verão, nos estúdios Zen, pelo sistema digital, e mixado no SDK Studio, aqui em Brasília. O corte e prensagem foram feitos na CBS, Rio de Janeiro.

Encontro de gerações — Autor de *Brasília, Cidade Céu*, considerada pelos historiadores a primeira música feita em homenagem a Brasília, em 1959, Cid Magalhães (pseudônimo do desembargador, aposentado, Milton Sebatião Barbosa), numa noitada na Vila Planalto, acredita que o álbum *Brasília 30 Anos* "foi uma iniciativa feliz sob todos os aspectos". E ele destaca um desses aspectos. "Só o fato de reunir artistas, músicos de várias gerações, já justificaria a execução do projeto". Cid Magalhães elogia, também, a interpretação que foi dada a sua marchinha por "outra companheira da velha guarda", Glória Maria.

Já a cantora diz-se honrada por ser escolhida para cantar *Brasília, Cidade Céu*. "Para mim foi um presente. É uma música que já me era bastante familiar, que sempre cantei em bailes de carnaval. Foi muito oportuna sua inclusão no disco, pois assim a nova geração conhecerá melhor esse grande Cid Magalhães". Com Glória, concorda o cantor e compositor Renato Mattos, que está num dos elepês com um *clás-*

sico da música brasileira *Um Telefone é Muito Pouco*. "É importante esta integração entre o pessoal que fez a história de Brasília neste campo da criação artística e nós que viemos depois. A partir de agora, a gente sabe quem faz parte da nossa tribo".

Outro representante da nova geração, o cantor Adriano Faquine, prefere falar da canção que interpretou, *Flor do Cerrado*, de Caetano Veloso. "Foi um grande desafio para mim interpretar uma música que foge completamente ao meu estilo. *Flor do Cerrado* é uma canção difícil, que a Gal Costa já havia gravado com muita propriedade. Mas acredito que tenha me saído bem. Pelo menos, eu gostei do resultado, principalmente por poder ter dominado outra linguagem musical". Se Adriano gostou de sua própria interpretação, o compositor Rômulo Marinho, autor de *Deixe Brasília Pra Mim*, samba feito em parceria com Lacyr Vianna, ficou satisfeito com o tratamento dado à sua música, tanto em termos de arranjo como na parte interpretativa, entregue a Milton Brasília. Embora satisfeito por participar do projeto, ele entende que *Brasília, Linda Flor*, uma marcha-rancho do falecido Avena de Castro, que ele pôs a letra, poderia ter sido selecionada. "Foi a melhor homenagem que fiz a Brasília, cidade com que tenho uma relação afetiva muito forte".

Um outro participante do *Brasília Ano 30*, o senador pelo PMDB do Rio Grande do Sul e compositor bissexto, José Fogaça, autor de *Brasileira Demais*, diz que esta música reflete "a relação difícil que tenho com a cidade". Mesmo residindo aqui há sete anos, ele não dispõe de tempo "para vivenciar Brasília como gostaria. Estou entre aquelas pessoas que sabe que a cidade tem coisas interessantes para serem descobertas, mas não encontra tempo para fazer isso".



Várias gerações se uniram para homenagear Brasília no 30º aniversário